

Arrigo

MARCELO RIDENTI

São Paulo: Boitempo Editorial, 2023. 256p.

*Bruna Della Torre**

Trancado com um morto na sala. É assim que o narrador de *Arrigo*, romance de estreia de Marcelo Ridenti, começa (a nos contar) e termina (de escrever) a história do militante que reúne em sua trajetória um século de lutas revolucionárias no Brasil. Da greve geral de 1917 – da qual participou ainda criança –, passando pelas revoltas tenentistas, a resistência à ditadura varguista, a luta armada contra a Ditadura Civil-Militar de 1964 e chegando à vitória de Lula em 2002, a trajetória de Arrigo – que inclui também o combate ao franquismo na Guerra Civil Espanhola, a resistência ao nazismo na França, o treinamento socialista em Cuba, o entusiasmo com a Revolução Cultural Chinesa de Mao e a celebração da Revolução dos Cravos em Portugal – encarna momentos decisivos do que Eric Hobsbawm definiu como “Era das Revoluções”.

Conforme destacou Marly Vianna em “Arrigo” em artigo escrito para a revista *Marxismo21* em março de 2023,

Arrigo é Apolônio de Carvalho – em sua luta democrática na Aliança Nacional Libertadora, em 1935; na defesa da República, na Guerra Civil Espanhola; na luta guerrilheira pela libertação do Sul da França da dominação nazista, na prisão e tortura sofridas depois do golpe de 1964, na libertação dos cárceres da ditadura em troca do embaixador alemão em 1970 e em seu exílio na Argélia. Arrigo é Jacob Gorender que, clandestino, escrevia brilhantes capítulos para coleções importantes - com pseudônimo, claro... Arrigo talvez seja Armênio Guedes, trabalhando como jornalista, depois da volta do exílio. Arrigo é personagem da VarPalmares, no roubo do cofre milionário; é participante da ALN, treinando guerrilha em Cuba; Arrigo provavelmente será Carlos Marighella, que em meio à luta revolucionária está sempre em busca de novos amores. Arrigo mantém contato com anarquistas – de quem, como os futuros comunistas, recebeu as primeiras

* Pós-doutoranda no Centro Käte Hamburger de Estudos Apocalípticos e Pós-apocalípticos da Universidade de Heidelberg, na Alemanha. E-mail: bru.dellatorre@gmail.com

lições revolucionárias; conheceu Astrojildo Pereira, Everardo Dias e o brilhante grupo que deixou o partido por aderir ao trotskismo e foi militante do PCB.

Diferentemente de romances (e filmes) contemporâneos, centrados exclusivamente na ditadura militar, o romance de Ridenti tem o mérito de ligar o fio das diferentes épocas e contar a história da violência a que estiveram submetidos todos aqueles que se levantaram contra o mando no país do mando. A “Era das Revoluções” também foi, na América Latina, a era das repressões.

Mais que romance histórico, no entanto, como apontou parte da crítica, a narrativa é uma elegia a uma certa esquerda brasileira. Arrigo, por um lado, é como os personagens descritos por Svetlana Aleksievitch em *O fim do homem soviético*: um ser humano feito de outra matéria; um outro tipo antropológico, disposto a viver para e a morrer em nome de uma causa (ímpeto que, hoje, parece ter sobrevivido apenas na extrema direita). Refiro-me aqui aos comunistas militantes e à esquerda organizada em partidos – normalmente constituídos de uma maioria branca e masculina, e não às inúmeras pessoas que, ainda hoje, resistem em diferentes movimentos sociais no Brasil – entre eles movimentos quilombolas e indígenas – que continuam a lutar e a sofrer o risco de extermínio diante do colonialismo e do capitalismo brutal vigentes no país.

Arrigo é preso e torturado diversas vezes e de forma brutal, assiste a e participa da morte de companheiros militantes, trabalha para o partido mesmo quando desconfia de seus líderes, é exilado, alienado de parentes etc. No centro de sua vida, está o destino político do país e do mundo – porque, vale dizer, sua trajetória é de um comunista internacionalista. Para “o verdadeiro comunista”, esse “tipo” histórico-literário, diz o narrador, “tudo vale a pena. Homem de ferro disposto a atravessar mares de lágrimas a nado contra a corrente, mesmo sob o risco de enferrujar ou afundar com o próprio peso (p. 142). Arrigo é em certo sentido a biografia de um conjunto de gerações desse “tipo” antropológico. Talvez seja por isso que Arrigo, o personagem, tenha pouca profundidade psicológica no livro – com exceção da culpa pela morte de Lino, são poucos os conflitos internos do personagem, característica acentuada por uma narrativa que evita o discurso direto. O que faz sentido, já que o narrador é um pesquisador arquivista que acessa apenas os fatos contados pelo personagem e seus contemporâneos, bem como pelos documentos aos quais tem acesso.

Aliás, esse é outro tema interessante do livro: como contar a história de movimentos que foram em sua grande maioria clandestinos e perseguidos no país? A pesquisa histórica presente na obra impressiona nesse sentido. Também é notável o mapeamento da esquerda no país, de suas tendências, disputas e conflitos – Arrigo encarna também as tensões entre o anarquismo e o comunismo nas primeiras décadas do século XX.

Mas o livro é uma elegia também por outra razão – que diz menos respeito ao desaparecimento desse tipo de militante e mais à sua fixação em um traço específico.

Talvez o aspecto mais marcante da obra – depois da dimensão política – seja a relação de Arrigo com as mulheres. São essas duas frentes, a política e a sexual, que tecem a narrativa. Comunista e adepto do amor livre, Arrigo defende o princípio não apenas para si, mas também para sua companheira de vida, Aurora – e, com o risco de soar inverossímil, sobretudo para a época retratada, é apresentado como alguém que entende que o amor livre só se realiza plenamente se for uma via de mão dupla. Ainda assim, à exceção de Diana – figura que homenageia as mulheres revolucionárias no livro –, as mulheres que cruzam sua vida surgem no enredo sobretudo como parceiras sexuais, cuidadoras e auxiliares na militância – isto é, sempre referidas em função dos homens. O narrador, por sua vez, apresenta-as invariavelmente por meio de uma avaliação – e não mera descrição – de sua aparência física. É certo que um dos elementos mais instigantes do romance está na relação de Arrigo com as prostitutas – a quem chama de “andorinhas” – e que desempenham papel crucial na luta contra as ditaduras: abrigam militantes, intercedem junto a políticos e advogados e atuam como mensageiras. Por outro lado, a postura do narrador também expõe um tipo de “machão revolucionário” – definição que ele próprio adota – que fazia troça do mote militante com o chiste “*Sigue la lucha... por la cachucha*”, expressão que, se já soava deslocada diante do feminismo dos anos 1970, hoje é ainda mais problemática. No fim, a liberdade sexual do personagem parece menos celebrada como ideal libertário do que associada a um traço de Don Juan.

Por fim, vale dizer que *Arrigo* é também construído literariamente como elegia. O romance abre com o poema de Carlos Drummond de Andrade “Edifício Esplendor” – “Que século, meu deus! Diziam os ratos. / E começavam a roer o edifício”. O primeiro capítulo intitula-se “o camarada do edifício esplendor” – onde o narrador fica preso com o morto e que é assombrado por fantasmas e invadidos por insetos. A trajetória luminosa de Arrigo contrasta com o ambiente no qual ela é narrada. O contraste talvez diga respeito aos tempos históricos: o livro foi publicado em 2023, e provavelmente escrito durante a pandemia e o governo de Jair Bolsonaro – que reavivou o passado da Ditadura Militar e seus horrores. O fato de o narrador estar preso nesse apartamento e com seu personagem morto, também sugere o fim de um ciclo e a intenção de preservar a memória de algo que se perde cada vez mais – a lembrança das lutas e daqueles que lutaram pelo socialismo no Brasil e no mundo, roídas pelos ratos que mais uma vez invadiam o país. O morto desaparece, mas o narrador continua lá, preso no apartamento. Ele fantasia com a possibilidade de se fingir de morto e assustar a próxima visita. A mensagem final não é de derrota, mas de aposta na utopia. Trata-se de manter vivo o espectro do comunismo, do socialismo, das lutas que nos protegeram de estar num lugar ainda pior do que estamos hoje em dia. *Arrigo* é a carta de despedida de uma geração que durou um século – que estejamos à altura de seu legado – e que possamos colher ameixas dos pés que foram plantados por elas.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

O retorno de Engels

John Bellamy Foster

Althusser e o materialismo do encontro

Cesar Mangolin

Marx e o colonialismo

Flávio Miranda

Classes e movimentos sociais

Eliel Machado

Classe média e corrupção

Sávio Cavalcante

Dossiê Marxismo e relações internacionais

46